

MEIO SÉCULO DEPOIS, EM ÓRBITA COM IÚRI GAGÁRIN¹

Cinemateca, 9 de Março de 2012
Francisco Silva

Nesta época de desagregação de uma Civilização Ocidental que usa reclamar-se das suas raízes gregas e que adquiriu a sua forma mundial sob o impulso português; nesta época de estertores cada vez mais visíveis, à medida que se vão desvanecendo enganadores fulgores pós-modernos, com as suas glamorosas luzes. Luzes que tanto têm deslumbrado as agora evanescentes chamadas classes médias; em tal época em que o capital financeiro descrê da capacidade das burguesias nacionais estarem à altura das suas tarefas, por estarem demasiado perto dos seus povos; pois é nesta época, com uma Finança que agarra mais directa e totalmente as rédeas do Ocidente, nesta época de resistência ao ressurgimento de uma certa barbárie, que se torna cada vez mais necessário e urgente preservar as nossas memórias no que de mais fundamental têm de acolher.

Por isso, bem hajam instituições como a Cinemateca, que acolhe agora o espólio cinematográfico da Associação Iúri Gagárin, bem como a própria Associação, na sua imprescindível actividade cultural, e que mais uma vez me chamou a estar presente - uma chamada honrosa que hoje aqui cumpro com um imenso prazer.

Mais a mais, tratando-se de Iúri Gagárin e do seu feito de primeiro membro da nossa espécie a voar no espaço cósmico. Antes de continuar, também devo dizer do meu acordo sobre a necessidade de dar a conhecer e de estudar a biografia do soviético Iúri Gagárin. Nascido na Bielorrússia em 1934, conheceu a ocupação nazi, quando em idade de frequentar a escola primária, numa República soviética que soube organizar uma forte resistência popular ao invasor na rectaguarda da intrusa Wehrmacht. Desde então, desde essa situação, se começou a moldar a sua forte personalidade patriótica e internacionalista, bem entrosada numa enorme capacidade profissional. Ora isto deve ser sempre lembrado numa época de assassinato de memórias, de tentativa de contenção das nossas existências a um eterno presente, determinado por um envolvimento mediático totalitário - para empregar aqui boomeranguicamente um termo de que a ideologia hegemónica tão eficientemente se tem servido...

Mas voltando então ao feito inesquecível: refiro-me ao feito do voo espacial a

¹ Intervenção desenvolvida muito sobre a base do artigo “No 50.º aniversário do voo de Gagárin – o seu imenso significado” in *O Militante*, nº 313, Julho/Agosto de 2011.

bordo da Vostok pelo soviético Iúri Alekseiévich Gagárin -, um feito cuja rememoração nunca poderá ser tida como em demasia. Ocorreu em 12 de Abril de 1961! Já passado que foi o meio século da sua idade. E tanto mais deve ser recordado quando se está perante um acontecimento cujo reconhecimento da sua vincada importância segue em crescendo; um acontecimento que, vindo na sequência natural do desenvolvimento de uma era da cosmonáutica iniciada três anos e meio antes, com a colocação em órbita do Sputnik, a 4 de Outubro de 1957, mais o seu bip bip, um acontecimento - este de agora - que marcava o começo de uma etapa nova - a etapa da presença humana a bordo de veículos espaciais. Sem exagero algum: a Humanidade entrava numa nova Era. E Gagárine passava a ser um seu herói! Um herói precocemente desaparecido. Iúri, que teria hoje 78 anos.

Deve ser dito que o aniversário do voo do primeiro homem no espaço tem sido comemorado todos os anos, com maior ou menor impacto. Em datas ditas redondas, em particular tal como aconteceu há dez anos, com as comemorações do quadragésimo aniversário, elas têm mesmo adquirido dimensões mais notadas nos mais diversos quadrantes - aliás, tal como nessa altura, há uma década, com eventos comemorativos replicados por aí fora, através do panorama dos mais conhecidos *media* globais!

Nessa altura, em 2001, pelo dealbar do corrente século, respeitadas "fazedores de opinião", quer nos EUA quer nos seus adjacentes, achavam que tinham bastas razões para se vangloriar da recuperação dos EUA em face da União Soviética, tal como esta era no início do período da cosmonáutica. Na verdade, era verificável, diziam, uma real recuperação da Ciência & Tecnologia norte-americana face à soviética, que tinha como principal demonstração o impacto de uma Internet em crescendo "explosivo", mediaticamente trabalhada como se uma surpresa fora, como vinda de repente do [quase] nada, um mistério maravilhoso! E isto a acontecer logo numa fase em que a derrota do Socialismo no Centro e Leste Europeu estava bem mais fresca nas memórias do que hoje e quando ainda não se tinha chegado à visível presente situação de crise profunda do capitalismo. Numa altura, a de então, de há pouco mais de uma dezena de anos, em que a China ainda não parecia perfilar-se como uma estrela de primeira grandeza no cenário internacional, tal como hoje já acontece.

Nessa altura, os feitos cosmonáuticos soviéticos - em particular os marcos representados pelo Sputnik e pelo voo de Gagárine -, foram trazidos à colação, incluindo a referência à sua primazia no tempo em relação aos feitos que haveriam de vir da cosmonáutica dos EUA. Como também o referiram, e voltaram a referir por ocasião do cinquentenário do voo de Gagárine, e com que insistência, tantas figuras de primeira grandeza da área político-científica desse país. Um país, os EUA, que dispunha, e dispõe, de imensos recursos científicos e tecnológicos de primeira qualidade. É que tais feitos da cosmonáutica soviética têm sido

trazidos à colação sobretudo para ser mostrada a capacidade de reacção dos EUA, para ser destacado o modo como estes se souberam levantar perante tal desafio por parte do seu poderoso Inimigo. Uma reacção mitologizada nomeadamente com base na invenção da Internet e, em geral, por toda a criação e inovação havida na área das tecnologias da informação.

E de caminho lembre-se ainda que esta valorização dos sucessos na área da Internet e das tecnologias da informação, que os EUA conseguiram na competição com a União Soviética, proclamada como fazendo parte da sua luta contra o socialismo, foi aproveitada maximamente como linha crucial de combate político-ideológico do capitalismo contra o socialismo. Um socialismo focado enquanto símbolo e corporizado na União Soviética.

Argumentava-se com a invenção da Internet, ela própria em boa medida um produto de projectos, subvencionados pelo Departamento da Defesa dos EUA, incluídos na “Guerra Fria”. Mas também se argumentava com o processo de progressiva miniaturização dos componentes electrónicos, com o avanço na direcção dos computadores pessoais, enquanto produto de grande consumo. E muito especialmente argumentava-se que os regimes socialistas não estavam interessados em tais avanços, que fariam perigar o controlo do Poder sobre a informação e a comunicação no seio das respectivas sociedades. Aliás, ainda actualmente se ouve tal argumento a propósito da China, e tal, não obstante se proclamar aos quatro ventos, por outro lado, que a China já é um país capitalista. Mas isto são já outros contos!

Quer dizer, mesmo há uma década, quando o poder dos EUA parecia tocar um seu zénite, era implicitamente admitido pelos seus adversários mais responsáveis e sabedores que o “atraso” da União Soviética em termos de tecnologias da informação e comunicação não seria tanto devido à ausência de recursos científicos e tecnológicos, mas sim devido à sua orientação política! O que sendo uma questão importante e, em particular, contrariadora de uma argumentação para a qual o socialismo funcionaria para as velhas tecnologias “hard”, digamos “metalúrgicas”, pesadas, etc, mas não para as modernas tecnologias “soft”, flexíveis, “inteligentes”, sem peso (?). Uma argumentação superficial tão do agrado do modo pós-moderno de ser intelectual que por aí vai pululando. E, pelos vistos, tão do agrado do *establishment*, agrado bem reflectido através do privilegiado acesso de tais intelectuais aos media - aos media de “referência” e aos outros ... Mas adiante, ficando a nota que este tema merece, só por si, uma atenção específica!

Por isto tudo, a referência ao sobressalto e posterior sucesso dos EUA perante o tremendo desafio da cosmonáutica soviética acaba por valorizar os seus feitos, nomeadamente aos olhos de quem, acriticamente deslumbrado com todos os foguetes e luzes cintilantes dos holofotes mediáticos, ainda não o tenha

entendido! Porque, na verdade, as façanhas da cosmonáutica soviética denotaram por si só a existência de uma imensa força científica & tecnológica naquele país.

Um país, a União Soviética, que entretanto se desmoronou, bem como o seu regime socialista, no início da década de 1990; um regime que tinha sido criado como o primeiro Estado Operário e Camponês do Mundo; uma União Soviética herdeira de uma Rússia tida genericamente como atrasada, de um país que saiu muito enfraquecido da Primeira Guerra Mundial; que, quase logo de seguida, teve de enfrentar uma guerra civil apoiada, alimentada, pelas maiores potências mundiais da altura.

Contudo, é certo, sendo a mesma União Soviética que, a leste e a oeste, aguentou e foi determinante para a derrota na Segunda Guerra Mundial das potências do Eixo, sobretudo do grosso da força militar da Alemanha nazi.

Uma União Soviética que vira devastada grande parte da sua área europeia - inclusivamente a própria localidade bielo-russa onde vivia Lúri Gagárin, então uma criança -, uma União Soviética, enfim, que perdeu mais de 22 milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial, para ela a Grande Guerra Patriótica, da qual sobreviveu à tentativa de aniquilamento perpetrada pela Alemanha Nazi, coadjuvada a oriente pelo Japão fascista².

Mas, além disso, uma União Soviética que, ao contrário do que aconteceu com os EUA, e ao arrepio de um mito muito difundido no Ocidente, não beneficiou de forma significativa, do duplo ponto de vista científico e tecnológico, da derrota na Segunda Guerra Mundial de uma Alemanha onde tinha sido desenvolvida até então uma actividade intensa na área dos foguetões. Uma área que recebera aí um grande impulso devido aos objectivos militares e onde tinham sido conseguidos avanços relevantes - aliás, Wernher Von Braun, o pai da cosmonáutica alemã, foi também o pai da cosmonáutica dos EUA!

Com efeito, o programa aeroespacial foi estabelecido na União Soviética logo nos anos 20 do século passado, inspirado, entre outros, pelo seu “pai” Konstantin Tsiolkovski. Um programa que se desenrolou durante décadas até começar a produzir os frutos conhecidos. Nada parece ter resultado do improvisado. Nem teria

² Um estimulado, maciço e “infantilizado”, pensamento euro-ocidental imagina o Mundo como quase sendo apenas a sua “Europa”, talvez, para os mais “subtis”, incluindo ainda a Ucrânia e a Croácia, mais o Atlântico Norte e uns EUA, até há pouco, pouco incluindo o seu faroeste! A Grécia de hoje já seria parte de um Oriente quase fora do Mundo, onde estão a Turquia... e a eslava e ortodoxa Sérvia... Grécia que quase nada teria a ver com a Grécia propriamente dita, a clássica, essa sim o “nosso” berço! E mais algum Norte de África nas fronteiras do Mundo. Então a Grande Guerra Mundial fora no fundamental a guerra entre a Alemanha e a França mais o brumoso Reino Unido, reforçados com uma ajuda tardia dos EUA, etc. Fantástica a cabeça dos “europeus”, que pouco ainda inclui Portugal, mesmo depois - uma vez “libertos” das colónias - de um quarto século da sua aproximação à “Europa”, versão UE, etc. O Mundo, o resto maioritário, chamar a atenção para isso tem sido esquisitices agora mais conscientes devido às “deslocalizações” do trabalho, etc.. No entanto, tal visão do mundo é capaz de estar em alteração com a ascensão da China. O Japão ainda foi integrado numa Triade de um Ocidente alargado (uma tripeça, como diria Pessoa?), agora a China...

sido possível! Não aconteceram milagres nem houve razões para espanto - ou mesmo de académica incredulidade, como foi o in-famoso caso do Professor Varela Cid do Instituto Superior Técnico que, na altura, declarou mesmo, ao saber do Sputnik 1, a impossibilidade de tal feito! Que autoridade a desse senhor Professor! O que ele, cá neste torrão à beira mar plantado, não saberia é que a Administração norte-americana, encabeçada pelo Presidente Eisenhower, esses já sabiam e estavam preocupados com o que estava para acontecer em breve, mesmo antes do Sputnik 1 ter sido colocado em órbita. Sabiam bem dos antecedentes e subseqüentes passos do programa soviético. Eles sabiam do atraso dos EUA em relação à União Soviética.

O facto foi que, dados os necessários planos e o seu cumprimento, os resultados surgiram com toda a naturalidade. Portanto, tratou-se de uma empresa que logrou êxitos imensos, mesmo sem poder dispor, nem pelos vistos necessitar de utilizar, dos enormes recursos, quer científicos e tecnológicos, quer financeiros, das grandes potências “ocidentais”.

Escreveu Iúri Gagárin em 1967, num texto dedicado ao cinquentenário da Revolução de Outubro³: “Poderei eu alguma vez esquecer o Sol, fonte da vida do nosso planeta, exuberante, de um branco azulado, completamente diferente da sua imagem observável na Terra? Os que o viram tal como ele é são ainda pouco numerosos. De todas as maneiras, estou certo que muitos o verão, dezenas, centenas de Terrestres, homens de todas as profissões e cidadãos de todos os países. Procurando decifrar os mistérios do Universo, eles sonharão com o bem dos homens.”

E ainda Gagárin a dizer: “Konstantin Tsiolkovski, sábio dotado de um poder de previsão extraordinário, disse que os homens acabariam por conquistar todo o espaço à volta do Sol. Apercebo-me que esta obra exigirá o esforço de numerosas gerações, um esforço que irá sendo desenvolvido em consonância com o ritmo do progresso científico e técnico. Se os homens progressistas unirem os seus esforços, estou convencido de que a Humanidade construirá os primeiros degraus que conduzirão ao Espaço, talvez a Marte. Esta domesticação do Cosmos, realizada num clima de amizade, trará vantagens infinitas também do ponto de

³ Gagarin, Iúri (1967) “Gravir les marches”, *in* L’an 2017, pgs 16-18. Moscovo: Novosti.

vista puramente terrestre, por exemplo, em matéria de controlo do clima.”

Significativas estas palavras de Iúri Gagárin. Nelas se contém o espírito e a vontade com que embarcou na aventura espacial. É um grande exemplo nos dias que correm. Dias cujo espírito se encontra nas antípodas do sonhar “com o bem dos homens” e de que a Humanidade aprenderá a estar no Cosmos como na sua própria casa – a *domus* da domesticação – apoiada num “clima de amizade”. Interessante também a indicação do papel que a empresa espacial deveria ter em “matéria de controlo do clima” – o mesmo objectivo que se propala hoje aos quatro ventos sob o termo de sustentabilidade! Mas Iúri a pensar mais nos avanços do conhecimento científico a favor da melhoria da vida na Terra do que na “mania” dos satélites espiões...⁴

Agora, em Março de 2012, indo ficando para trás o ano do quinquagésimo aniversário do voo inicial de Gagárine, já podemos fazer uma avaliação positiva do impacto da empresa espacial em que a Humanidade embarcou. É certo que tem decorrido entre altos e baixos, mas está bem implantada.

E é também a força crescente que a contribuição que a China está a trazer que melhor mostra a realização do futuro antevisto por Iúri Gagárin.

Termino com o voto de que as nossas memórias registem para sempre a façanha de Iúri, mas também o legado do seu pensamento! Faço ainda o voto de que nunca se apaguem dos nossos corações uma e outro, a sua façanha e o seu pensamento!

⁴ Silva, Francisco (2001) – “Iúri Gagárin – O primeiro Cosmonauta, 40 anos depois”, intervenção na sede da Associação Iúri Gagárin em Abril de 2001.